

# ANCESTRALIDADE FEMININA EM IMAGENS DE FAMÍLIA - O PAPEL SOCIAL DO FEMININO<sup>1</sup>

*Déborha Rachel Coelho Costa<sup>2</sup>*

## RESUMO

Realiza-se uma leitura da ancestralidade feminina nas imagens sociais, a partir de uma visão sistêmica do conhecimento e estratégia de pesquisa da revisão bibliográfica, complementada pela leitura de imagens de configurações familiares. Discute-se como a sociedade tem vivido o feminino e as implicações dessas diferentes perspectivas em diversificados momentos socioculturais. O feminino é uma figura permanente na sociedade, marcadamente na criação dos filhos e mais recentemente na inserção da mulher na vida social em geral e mais significativamente no mercado de trabalho. Contudo podemos falar que o feminino é valorizado em nossa sociedade ocidental? Com a mudança de paradigmas na atualidade, conseqüentemente, mudanças na estrutura familiar, houve uma ressignificação do feminino? O objetivo dessa pesquisa é realizar uma leitura social das imagens do feminino, para verificar se podem revelar essas mudanças do papel social feminino em imagens de família. Houve mudanças no papel social do feminino e na estrutura familiar, mas a luta pela igualdade entre os gêneros permanecerá como pauta, muito provavelmente, por um longo período; almeja-se que as significações arcaicas, discriminatórias e que não nos interessam mais socialmente desapareçam, deixem de constar no seio da sociedade. Os resultados indicam que o objetivo da pesquisa foi alcançado mostrando que a leitura social das imagens selecionadas apontam a tendência de convivência de paradigmas antigos e novos como possibilidades de acordo e mudança de configurações sociais e de estruturas familiares. Conclui-se que as mudanças do contexto histórico do feminino é decorrente da crise da família nuclear, da entrada da mulher no mercado de trabalho, da separação da sexualidade da reprodução e da política de visibilidade da homossexualidade.

**Palavras-chave:** Configurações familiares. Ancestralidade feminina. Imagem social feminina.

## FEMALE ANCESTRALITY IN FAMILY IMAGES - THE SOCIAL ROLE OF THE FEMININE

### ABSTRACT

A reading of the female ancestry in social images is carried out, based on a systemic view of the knowledge and research strategy of the bibliographic review, complemented by the reading of images of familiar configurations. It discusses how society has experienced the feminine and the implications of these different perspectives in diverse sociocultural moments. The feminine is a

---

1 TCC- Especialização em Intervenção Familiar Sistêmica do Centro Universitário do Rio Grande do Norte- UNI-RN.

2 Psicóloga. Especialização em Intervenção Sistêmica Familiar - Centro Universitário do Rio Grande do Norte- UNI-RN. E-mail: <deborha\_rachel@hotmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0211950221366833>.

permanent figure in society, especially in the creation of children and more recently in the insertion of women in social life in general and more significantly in the labor market. But can we say that the feminine is valued in our Western society? With the change of paradigms in the present, consequently, changes in the family structure, there was a resignification of the feminine? The objective of this research is to perform a social reading of the images of the feminine, to verify if they can reveal these changes of the feminine social role in family images. There have been changes in the social role of the feminine and in the family structure, but the struggle for equality between genders will remain, for a long period, most likely to be the agenda; it is hoped that the archaic, discriminatory meanings that do not interest us more socially disappear, cease to be part of society. The results indicate that the objective of the research was achieved showing that the social reading of the selected images point to the tendency of coexistence of old and new paradigms as possibilities of agreement and change of social configurations and familiar structures. It is concluded that the changes of context feminine history is due to the crisis of the nuclear family, the entry of women into the labor market, the separation of sexuality from reproduction and the politics of visibility of homosexuality.

**Keywords:** Family Settings. Female ancestry. Female social image.

## 1 INTRODUÇÃO

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino* (BEAUVOIR, 1967).

Quando nos propomos a pensar no feminino inevitavelmente uma gama de aspectos psicossociais deve ser abordada, e quando falamos de nossa ancestralidade estamos falando de nossas origens; desde os cuidados com as crianças, passando pelas estruturas familiares, responsabilidades e lugares que ocupamos, até a realidade de mercado de trabalho. Cotidianamente nossas origens têm sido cada vez mais negligenciadas ou mesmo distorcidas de acordo com o que convém para certas configurações sociais.

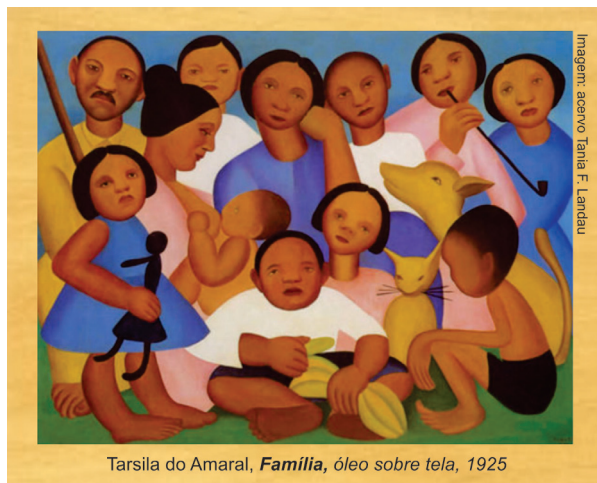
O que expressa do feminino a nossa história? O que ela nos diz de nossos caminhos até então e o que nos revela de possibilidades? Quando observamos as imagens deixadas pelos caminhos que a humanidade trilhou, percebemos não apenas como as relações têm se constituído, ou como as famílias têm se estruturado, mas também como tendem a se renovar. Buscamos abordar nesse estudo bibliográfico fontes que tragam o lugar que o feminino tem ocupado em algumas eras da civilização, e quem, sabe começar a questionar e desconstruir mitos e paradigmas do que entendemos ser o papel feminino.

De acordo com Guillen (2016), os costumes das sociedades tradicionais vêm sendo considerados como ultrapassadas e descoladas da contemporaneidade, contudo na realidade ritos, ciclos e reconstruções dos que já passaram pela vida, continuam encantando e exercendo, de certo modo, influência sobre as sociedades modernas. Isso contribui para a geração de novos paradigmas, seja reestruturando ou refutando os paradigmas de seus ancestrais nas dinâmicas sociais.

Nesse panorama, a família pode ser exemplo dessa dinâmica e expressar mudanças estruturais ao longo dos tempos, tanto na composição dos seus membros quanto nos papéis de cada um, contudo, mas recentemente a pluralidade da sua composição tem mostrado uma diversidade sem parâmetros previsíveis, acelerando tanto a composição, quanto a mu-

dança de papéis entre seus familiares. É perceptível que durante as mudanças de paradigmas, mesmo em um contexto sociocultural completamente outro, muitas sentenças do antigo paradigma ainda vigorem. Ainda assim, não serão vivenciados da mesma forma.

**Figura 1** - a Família. Tarsila do Amaral



Tarsila do Amaral, **Família**, óleo sobre tela, 1925

**Fonte** - <http://www.tempodecreche.com.br/>

A obra “Família”, de Tarsila do Amaral, nos mostra uma configuração familiar numerosa, provavelmente rural e sendo ainda hoje presente, porém mais comum em comunidades do interior do Brasil, onde talvez sejam mais preservados os hábitos e costumes familiares. Cada período social traz consigo uma série de conceitos e pré-conceitos, que, embora se amoldando ao momento vivenciado pela sociedade, traz em si sua dinâmica, edificando-se, transformando-se e avançando em outras configurações. Nesse contexto de constantes mudanças algo se mantém sempre presente: o papel feminino na composição familiar.

Por sua vez, a maternidade, bem como o viver feminino, traz consigo uma bipolaridade entre opostos, evidenciada entre amor e fel, vida e morte, luto e esperança, mas também um conjunto de sentimentos e valores que falam da humanidade, por vezes mesmo sem palavras, diferentemente do

que se idealiza, principalmente na literatura ou nos discursos ideológicos. De acordo com Gutman (2013), a maternidade não se limita ao embalo do bebê sorridente em nossos braços; a realidade, muitas vezes invisibilizada, é um misto de emoções aparentemente paradoxais, tais como o sentimento de alegria e angústia, e uma sensação de perda de identidade, exaustão e excitação, entretanto muitas vezes, só concebida como uma graça divina, na qual a mãe mulher, para ser merecedora, tem que renunciar a sua própria vida e viver a dos filhos.

Assim, parece que temos até então atribuído, numa sociedade patriarcal, como papel do feminino, nada mais do que uma construção social em continuidade, na qual vive-se ainda aquela realidade em que homens saíam para buscar o sustento e mulheres ficavam em casa, cuidando dos filhos, da casa e de seu marido, quando este chegasse em casa.

Segundo Angeli (2003), essa condição de papéis foi reforçada e embasada no período entre 1890 e 1930, com um discurso político e científico da medicina da época sendo esta, muitas vezes, perpassada pelo “saber popular”, deixando a cargo da mulher os cuidados com a saúde e bem-estar familiar, cabendo a ela o domínio privado, doméstico, enquanto aos homens cabia à busca do desenvolvimento social, por meio de sua agressividade e inteligência. Mesmo assim se validou pela ciência da época, o domínio sobre o corpo feminino, colocando-o em um lugar de frieza e repudiando o aborto, sendo também atribuídas às gestações de filhos mal formados e doentes.

O matrimônio, assim como a política e a ciência, era também uma forma de controle sobre a mulher, seu corpo e suas atividades. Essa pressão veio a diminuir depois das lutas do movimento feminista, em meados da década de 1970.

Mas os tempos passaram; nosso contexto sociocultural atualmente é de mulheres e homens que trabalham, contudo, ainda é comum atribuir-se à mulher, a continuação dos cuidados das crianças, da casa, da alimentação e do marido, acrescentando-lhe também o papel agora compartilhado de mantenedora financeira da família, em pleno século XXI.

Assim, a maneira como a sociedade compreende e trata o feminino, de acordo com Angeli (2003), é um misto que oscila entre a exaltação e a opressão, o que parece permanente e determinante na constituição da humanidade, mesmo que ampliemos nossa perspectiva de humano e ser

social numa visão sistêmica, ou mesmo por isso. As influências da agressividade valorizada pelo sistema patriarcal parecem ainda presente atualmente em certos comportamentos com o feminino, tanto influenciando o comportamento social da mulher, como também corroborando com uma estrutura social machista, perversa, que mata, estupra, denigre e tira qualquer possibilidade de empoderamento da mulher, embora haja caso particulares de mulheres que exercem cargos públicos ou comandam equipes representativas de emancipação feminina.

## 2 ANCESTRALIDADE FEMININA: O LUGAR DA MULHER NAS ERAS PRÉ-CRISTÃS E CRISTÃS

*Todos temos responsabilidade pela geração que nos precedeu e a próxima. A caminho do fim, após uma vida cheia de aventuras (internas e externas), tentamos compreender o sentido disso tudo, e então morremos. É disto que trata a mitologia [...] A mitologia é tão fundamental para os seres humanos que todas as culturas, sem exceção, criam a sua (PARIS, 2000).*

No período pré-histórico, a família antes de ser compreendida como um conjunto de pessoas de laços consanguíneos recebia interferência social da comunidade, devida a participação de cada membro nas atividades corriqueiras. Desta forma, não se constituía somente de membros de laços consanguíneos, mas da própria comunidade; assim todos eram responsáveis pelo grupo. Posteriormente vão se definindo papéis, e já é possível afirmar, que se pode começar a desconstruir a naturalização de papéis femininos e masculinos.

Ainda nesta fase, constatou-se a partir de estudos desenvolvidos na *University College London*, que fortes indícios apontam para a possibilidade de que entre homínídeos, posteriormente homens, existia a igualdade entre os gêneros e que isso, teria sido fundamental para a sobrevivência e evolução da espécie, o que pode ser apreendido da Figura 2: a caça, a preparação do alimento e o cuidado com os filhos eram atividades compartilhadas por ambos os sexos.

Figura 2 - Jornadas ibéricas de gastronomia pré-histórica



Fonte - <http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br/2015/08/>

A partir da sedentarização das sociedades, ou seja, com o surgimento da agricultura e do acúmulo de recursos, a desigualdade entre os gêneros iria se definindo em caminhos opostos, percebendo-se que, anteriormente, quando homens e mulheres interferem nas decisões do grupo de forma igualitária, havia uma expansão das possibilidades, incluindo a adesão de novos membros no grupo, não apenas membros de mesma consanguinidade, diferentemente de quando homens mantêm-se soberanos.

Segundo Paglia (1992), com a predominância do gênero masculino, o controle do corpo da mulher pelo homem, tornou-se evidente, chegando mesmo a ser exigido o confinamento feminino em um harém trancado, a fim de que o homem pudesse ter certeza que o filho de sua mulher seria seu filho também. O corpo feminino seria um insuportável mistério onde se aplicam todos os aspectos das relações entre homens e mulheres. *Que aparência terá aí dentro? Ela tem orgasmo? É mesmo meu filho? Quem foi de fato meu pai? O mistério envolve a sexualidade da mulher.*

A partir destas indagações, depreende-se que a imagem do corpo misterioso da mãe, fazia uma conexão com o que havia de mais entranhado na existência humana. Para Santos (2008), o arquétipo feminino perpassa vários mitos e religiões, desde o antigo culto à Deusa, fortemente representada pela

estatueta mundialmente conhecida por *Vênus de Willendorf*, que traz consigo toda a simbologia de fertilidade, até cultos cristãos, que tem como representante do sagrado feminino a Virgem Maria, fazendo assim um tributo, mesmo que inconsciente, à súbita geração de um novo ser originado pela figura materna.

Perpassando os séculos, o feminino tem lugar não apenas em nossas lembranças de fotos de família, mas também em vários cultos milenares, muitas vezes retratados em obras de arte. Ainda que se tente estigmatizar a mulher, invariavelmente chegaremos a um ponto em comum. Sem ela o ser humano não nasceria. Tão obvio, contudo tão pouco valorizado em nosso cotidiano.

A imagem da estatueta *Vênus de Willendorf*, na Figura 3, nos remete não apenas aos padrões femininos, mas também nos faz refletir quanto ao lugar que o feminino ocupava, quando a percebemos como uma divindade cultuada, e mesmo quanto aos valores dados a esta. O respeito ao corpo feminino como algo sagrado, faz completamente outra imagem do que temos em vigência a respeito da experiência de vida, de mulheres e homens, no meio social. Percebemos que antes, os ciclos de vida e da natureza eram observados, cultuados e respeitados. Nos dias atuais o que assistimos é o atropelo dos ciclos de vida e dos valores em prol de um bem comum.

**Figura 3** - *Vênus de Willendorf*



**Fonte**-<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuetas-de-V%C3%AAnus>



A partir das questões míticas, Angeli (2004), aponta como as crenças têm também interferido na imagem feminina e conseqüentemente na sua significação quanto ao ser mulher. Por exemplo, na religião judaico-cristã, Eva é tida como a introdutora do mal, do pecado original, tanto quanto Lilit, considerada como o próprio mal figurado na serpente. Durante o século XVIII foram impostos tantos pudores às mulheres, que tanto o sexo, quanto o prazer feminino, passou a ser visto como algo sujo e indigno; passados quase três séculos, essas crenças culturais dominantes, ainda reproduzem-se, muitas vezes, nos discursos das próprias mulheres. Percebemos assim, que a maior opressão social é quando o opressor consegue alienar o oprimido a ponto de naturalizar questões socioculturais puramente ideológicas, concebidas como verdadeiras.

Desse modo, no decorrer dos séculos a imagem do feminino foi permeada por aspectos passivos, maternos e de uma sexualidade oprimida, a partir de conceitos preconceituosos e deturpados, como afirma Laraia (2015), ao se referir as imagens arquetípicas das mitologias pré-cristãs e cristãs. Prossegue observando os perfis de Lilith e Eva, trazidas como ex-esposa e esposa de Adão; a primeira feita ao mesmo tempo e da mesma matéria de Adão, sendo ela considerada o primeiro ícone do feminismo que não se rende aos desmandos masculinos, intitulada em momento posterior como a própria serpente que tenta Adão e Eva, causando a expulsão de Adão e Eva do paraíso, como aparece no teto da capela sistina, na obra de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475 – 1564), Figura 4.

**Figura 4** - O pecado original e a expulsão do paraíso, de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475 – 1564)



**Fonte** - <http://www.mdzol.com/nota/231974-procread-y-multiplicaos-el-sexo-en-la-biblia/>

Lilith é ligada à imagem de demônio. A segunda esposa, Eva, como sendo a passiva, submissa e ingênua que leva adão à perdição; outras figuras femininas que trazem esses conceitos são: Maria, a “mãe de Cristo” e Maria Madalena, “a prostituta” protegida pelo próprio Cristo. Mesmo Maria, a mãe de Cristo, não se livrou do peso do patriarcado machista e passou por esses estigmas quando expôs sua gestação, sendo dita como adúltera e posteriormente como a virgem “mãe de Deus”, castrada nessa realidade patriarcal em sua sexualidade.

Fortes (2007), questiona o nosso sistema sociosimbólico de dominação masculina e nos faz refletir quanto à possibilidade de pensar a diferença fora deste sistema. Em algumas sociedades pré-cristãs, onde a nutrição e a força vinham do matriarcado – como podemos perceber retratado na Figura 5 – mantinha-se o equilíbrio socioambiental, respeitando a condição de geradora e mantenedora da vida e da fertilidade.

**Figura 5-** Sagrado-feminino-mulher-e-sua família



**Fonte** - <http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br/2015/08/>

Esse respeito e equilíbrio entre feminino e masculino, vivenciado por meio de um estilo de vida e crença diferentes do que comumente observamos nas sociedades contemporâneas. Em muitas sociedades politeístas existe participação social significativa das mulheres, como afirma Carvalho (2008). Porém, há que considerar que o ideal seriam sociedades onde fosse possível um equilíbrio entre o feminino e o masculino e não o domínio de um sobre o outro.

### 3 O PAPEL DO FEMININO NAS SOCIEDADES

Com a fixação do homem à terra a partir da agricultura, e a demarcação da propriedade privada, desenvolveu-se também o conceito de herança, enquanto repasse do trabalho anterior da família. Nesse marco histórico significativo, acentuar-se-ia não apenas a realidade econômica e social, mas também a sexualidade, em especial a feminina, e a delegação de papéis. Os homens ao saírem de casa trariam para suas famílias o resultado do seu trabalho; às mulheres ao permanecerem no recinto do lar, cuidariam das crianças, e dos afazeres domésticos, e estariam assim em um lugar mais “protegido”, mas também reclusas às atividades reprodutivas e domésticas.

Figura 7 – A família do camponês de um interior, de Louis Le Nain (1646-1648)



Fonte - <http://belverede.blogspot.com.br/2014/12/nain-familia-campones-interior-familie-depaysans-dans-un-interieur-negacao-de-sao-pedro-Le-reniement-de-saint-Pierre-antoine-louis-mathieu-le-nain-pinturas-arte-cenas-biblicas-Louvre.html>

Ainda segundo Carvalho (2008), para a garantia de tais “privilégios”, a mulher deveria então unir-se em matrimônio, virgem e manter-se fiel, garantindo ao homem a certeza de que a criança seria de fato seu herdeiro por direito. Assim, a imposição de “sexo fraco”, tem início na privatização de terras, que leva consigo a privação do corpo feminino, ao recinto do lar.

A necessidade de mão de obra abundante, paralelo ao conceito de mulheres reprodutivas, seria também um importante fator para manter as mulheres constantemente grávidas. Quanto maior a quantidade de filhos, como observamos na figura 7, maior seria a força de trabalho para colheita. Além disso, havia um alto índice de morte de recém-nascidos e mulheres durante o parto, muitas vezes pelas condições sociais precárias de higiene e condições de qualidade de vida; fator naturalizado e postergado por um longo período da história.

**Figura 9** - Vida em Família - George Caleb Bingham  
- pintor norte- americano - 1811 - 1879



No quadro “Vida em família”, de George Caleb Bingham, é possível constatar mais uma vez as atividades domésticas atribuídas às mulheres. O homem aparece indiferente quanto às crianças, enquanto às mulheres cabem-lhes o trabalho de servir a ele e a família.

Carter (1995) deixa claro o papel central que as mulheres desempenham no seio familiar, desde sempre, e coloca que seu papel por muito tempo vem sendo definido pelo homem que lhe acompanha, seja ele seu pai, seu marido ou filho. Desta forma percebemos que, não só os papéis, mas também o ciclo de vida da mulher, presente em algumas realidades ainda hoje, é determinado pelo homem. Envoltas nesses ciclos era, e ainda é raro, que mulheres tivessem direito sobre sua própria vida, sem que tivessem que lutar por ele.

De acordo com o estudo realizado por Xavier (2011), que faz uma relação direta entre papéis de gêneros e histórias infantis, onde mutuamente exercem influência um ao outro, é notório que as representações dessa literatura ganham sentido e concretude no discurso dos sujeitos em formação. As princesas de histórias infantis terminam por serem exemplos a serem seguidos, para que se tenha o final feliz, ao lado de seu príncipe encantado e família feliz. Os papéis que permeiam o imaginário das meninas, nesse espaço lúdico, são de mulheres dóceis, obedientes, “prendadas”, com aptidões à cozinha, submissas e abnegadas. Esse estudo mostra ainda, que o imaginário dos meninos também passa por influências desse ideal de mulher, porém de forma diferenciada, já que esse tipo de literatura usualmente é direcionada ao público feminino.

**Figura 8** - “Família Reunida”, de Almeida Júnior (1850 – 1899), autor brasileiro.



**Fonte** - <https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/jose-ferraz-de-almeida-junior/>

Observando atentamente a imagem acima da obra de Almeida Júnior, constatamos função prioritária do feminino, o cuidado das crianças. Percebemos também o que perdurou por séculos e que atualmente passa por mudanças significativas de paradigmas: o estudo acadêmico, que antes era privilégio dos homens. Os estudos de Carvalho apontam que crescem as proporções de mulheres em ensino superior, contudo sua inserção no mundo acadêmico data há menos de um século. Mesmo quando as mulheres em tempos medievais dominavam os saberes da medicina popular estas eram estigmatizadas. Tidas como bruxas acabavam por serem queimadas pela heresia de tais “feitiços”.

No quadro de Botero, figura 6, percebemos a imagem do homem como provedor. O homem que vai ao trabalho, enquanto a mulher fica em casa cuidando dos filhos e das atividades domésticas. Carvalho (2008), questiona as bases que puseram a mulher no lugar daquela que cuida dos filhos, da casa e do marido. Esse lugar teria sido produzido realmente por tendências psicobiológicas ou seria uma arbitrariedade cultural?

**Figura 6** - Homem indo para o Trabalho – Botero 1969



**Fonte** -<http://zephirespagnol-973.eklablog.fr/la-familia-de-botero-pintor-colombiano-a59073217>

Entretanto, a partir do século XVIII, com a revolução industrial, as mudanças sociais vão se acentuando, especialmente no mundo ocidental, no qual a diferença entre classes se torna notória, o que mudaria também o estilo de vida das famílias. Na crise econômica da industrialização, precisava-se de mão de obra em abundância; assim homens, mulheres e crianças se submetem a condições insalubres de trabalho, ganhando pelo resultado deste um valor irrisório, mal dando para o próprio sustento. Neste contexto ainda não se tinha o conceito de infância vigente nos dias atuais. Quando os filhos mais novos se punham em pé e já tivessem o mínimo necessário para aprender um ofício, um trabalho lhe era atribuído.

Famílias inteiras trabalhavam nas fábricas, contudo a desigualdade se acentua ainda mais entre homens e mulheres, e, que, se mantêm até os dias atuais: mulheres ganhavam menos que os homens, mesmo exercendo as mesmas funções e tendo a mesma carga horária de trabalho. Mas com o passar do tempo e a conscientização dessa desigualdade, as mulheres se organizam e criam movimentos de luta por seus direitos:

Com o advento do movimento feminista e as audaciosas conquistas históricas, as mulheres foram obtendo seu merecido espaço na vida pública e mais direitos sobre seu próprio corpo, colaborando assim para a desconstrução de alguns discursos produzidos e mantidos pela ideologia masculina. Contudo, ainda na contemporaneidade, tem-se muito para conquistar, e é preciso não perder de vista os aspectos e contextos em que a mulher ainda é discriminada, tendo como resultado dessas práticas, salários desiguais em comparação aos dos homens, dupla jornada de trabalho (devido à falta de uma cultura para a divisão de tarefas domésticas) e pequena ocupação de cargos. As conquistas foram inúmeras e de incomensurável valor, mas a luta ainda se faz persistir (ANGELI, 2004, p. 138).

Após as grandes guerras do século XX, o feminino, mais uma vez, emerge a ressignificação social e familiar. Há um crescimento expressivo da presença da mulher no mercado de trabalho, agora não mais como operária, mas como profissionais na área da saúde, da educação, em escritórios, comércios e serviços públicos, trazendo para a contemporaneidade outra realidade, entretanto, embora a oferta de trabalho seja igualmente oferecida, a diferença entre salários de mulheres e homens que exercem as mesmas funções, com

mesma carga horária, há predominância de homens em cargos de liderança, no mundo inteiro, evidenciando a discriminação em nosso cotidiano.

Os aspectos femininos outrora socialmente valorizados e reconhecidos como sinônimos de vida e fertilidade, hoje passam por sinônimo de fraqueza. A mulher procura a cada dia superar as expectativas sociais do mercado de trabalho, embora precise também se ocupar das atividades domésticas, criando seus filhos e cuidando dos maridos, duplicando ou triplicando sua jornada de trabalho. Mas esta é uma luta invisível, exigindo-se dela, vestir-se de uma “força masculina” para que então seja reconhecida.

Assim sendo, a ideia de sexo frágil e incapaz não é mais condizendo com o aspecto feminino atual; podemos mesmo perceber que ela, além de desempenhar bem as suas funções de trabalho, ainda parecer ser a agregadora da família e já vem contando com importantes parcerias dos homens em sua vida, tanto no lar como fora dele, pois a participação dos homens na criação dos filhos vem aumentando paulatinamente (CARVALHO, 2008), visto que, é cada vez mais comum que o casal esteja trabalhando fora de casa e compartilhando suas finanças, tendo espaços de tempo semelhantes para a manutenção da casa e criação dos filhos.

Como vimos abordando, o lugar do feminino no âmbito familiar vem passando por diversificados papéis no decorrer dos séculos, sendo o papel da maternidade um ponto em comum mesmo com todas as mudanças sociais características de cada era. Contudo é a partir do século XXI que o papel de cuidado das crianças passa a ser questionado quanto a ser de responsabilidade única da mulher. Antes o que se esperava da mulher era o cuidado com a casa, filhos e marido, como é retratado na obra de arte “Vida em Família”, do pintor norte-americano George Caleb Bingham (Figura 9, anterior).

É verdade que a mulher acumulou uma série de papéis que a sobrecarregam, mas também é verdade, que, ao mesmo tempo a deixam cada vez mais independentes dos contratos conjugais. Mas, sendo mãe, esposa, “dona de casa”, trabalhadora e tendo uma vida socialmente mais movimentada do que nos tempos de outrora, as pressões sociais ficam cada vez mais pesadas para que se dê conta de tantos papéis. Daí a necessidade de divisão de responsabilidades, o que inclui o cuidado com os filhos, num real envolvimento de ambos quanto à criação e também na divisão de atividades domésticas.



Assim sendo, durante o breve século XX e início deste século XXI, estamos numa transição paradigmática de valores e costumes sociais e culturais; um momento histórico de mudanças significativas. O que se entendia por feminino no século XX vem mudando bastante e isso é percebido quando as diferentes gerações familiares compartilham seus prazeres e angústias. Se antes o homem passava o dia inteiro no trabalho e a mulher em casa, cuidado dos afazeres domésticos e também das responsabilidades maternas, o que evidenciamos na obra de Botero, “Homem indo para o Trabalho” (Figura 6, anterior); nos dias atuais, existem novas configurações de papéis, de trabalho e familiares, embora ainda caiba à família os valores familiares que fortalecem os indivíduos, não importam quais sejam suas configurações.

#### **4 NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E A RESSIGNIFICAÇÃO DO LUGAR DA MULHER**

A literatura científica oferece diversas definições sobre o termo família. Em 1982, Minuchin ressaltou que a família é um sistema aberto e em constante transformação devido à troca de informações com os sistemas extra familiares. Historicamente, a configuração das famílias vem se modificando através do tempo e exigindo uma constante adaptação. Segundo Carter e McGoldrick (1985/1995), tais mudanças são decorrentes, em grande parte, de transformações socioeconômicas, da reformulação do papel e das tarefas exercidas pela mulher e da pluralidade atual nos arranjos familiares. Essas transformações motivaram a existência de novos arranjos e configurações familiares (PALUDO, 2008, p. 25).

Assim o conceito de família tornou-se algo que vive em estado de mudança e parece acompanhar as mudanças socioeconômicas. Novos paradigmas, dessa forma, sobrepõem os antigos. Como estamos em um momento de constantes transições ainda é possível compreendermos antigos paradigmas sendo vivenciados. Então podemos ver, por exemplo, em nosso cotidiano uma realidade machista, tentando abafar um movimento de empoderamento feminino. Percebemos formações familiares da era pré-cristã, e de forma mais primitiva como as formações tribais que mantiveram viva a humanidade por meio de seus vínculos afetivos e funcionais, sendo estas mudanças mais paulatinas, pois parece que o mundo não tinha pressa.

Diferentemente destas fases anteriores, em meados do século XX, o movimento *hippie* trouxe consigo uma revolução, principalmente quanto à sexualidade e liberdade de expressão, o divórcio, os métodos contraceptivos, o movimento feminista, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e mesmo na vida acadêmica, o reconhecimento de gêneros diversos e as crises sociais e econômicas, que foram fatores fundamentais para mudanças significativas no que entendíamos por família.

**Figura 10** - Família nuclear



Fonte - <<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=542&evento=2>>

As configurações familiares possíveis atualmente são diversificadas e no decorrer dos séculos percebemos que a tendência é que as novas possibilidades continuem surgindo e modificando paradigmas que se tornam ultrapassados. No século XX o termo família aplicava-se à família nuclear - pai, mãe e filhos - e que por vezes incluíam-se os agregados, parte da família extensa - avós, tios, primos, cunhados.

Mas há ainda outras possibilidades de configuração familiar, como a família ampliada. De acordo com Carter(1995), a família ampliada é uma possibilidade para a família nuclear em momentos conturbados e calmos. Esta estrutura familiar consiste no compartilhamento de responsabilidades quanto aos cuidados e educação das crianças da família. Por se tratar, de um

grupo maior, a família se torna geograficamente mais limitada quanto a sua mobilidade. Neste modelo familiar as gerações conversam entre si e há um cuidado mútuo. Outro aspecto a ser observado é que se trata de um modelo onde comumente, não está propícia a individualidade e privacidade.

Quando a mulher pôde se beneficiar com a possibilidade do divórcio e ter maior controle quanto a sua sexualidade através do meios contraceptivos, famílias monoparentais, com apenas um dos pais assumindo as responsabilidades quanto a criação dos filhos, começaram a surgir, ou ainda com um par homoafetivo.

**Figura11-** Família com par homoafetivo



Fonte - <http://www.papodecinema.com.br/entrevistas/>

Na contemporaneidade, com o advento de novas leis de apoio às minorias LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), direitos a estes como o casamento e adoção tem garantido uma pluralidade ainda maior no que se refere às configurações familiares.

Além do mais, quando o ciclo de vida de uma família é quebrado ou cortado, seja por meio de divórcio ou morte, e então há uma nova união com outra família, tal rearranjo é chamado por Carter (1995) de família recasada, sendo também muito comum em nossa contemporaneidade.

Mas, numa perspectiva da psicologia sistêmica os mitos familiares podem ultrapassar várias gerações, o que termina pela convivência de diversificados arranjos familiares numa mesma época, principalmente nos dias atuais, de novas configurações sociais em outros patamares. Pires (2008), por sua vez, afirma que a sociedade é perpassada por mitos, que vão para além de mitologias religiosas ou mesmo de histórias tradicionais que usualmente explicam fenômenos naturais, e que estes podem sustentar papéis sociais, de modo que estes sejam naturalizados e reproduzidos pelas gerações seguintes, bem como, podem descrever ou mesmo explicar questões da natureza fenomenológica psíquica. Isso implica a perpetuação de paradigmas, não só pelas gerações familiares, mas também por uma sociedade inteira, se considerarmos que as famílias fazem parte e ao mesmo tempo constituem os sistemas sociais, alimentando culturas, conceitos e preconceitos, o que caracteriza determinados sistemas sociais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo dessa pesquisa foi realizar uma leitura social de imagens, para verificar como estas podem revelar o papel feminino no âmbito familiar, em diversos momentos históricos. Podemos perceber que o feminino passa por diversificadas facetas sociais e configurações familiares em constante mudança, sendo ressignificada a cada nova transição paradigmática. Por sua vez, as mudanças paradigmáticas trazem consigo germes de avanços, mas também resíduos dos antigos costumes, isso foi o que nos mostrou a revisão bibliográfica realizada, abordando de forma sistêmica a temática, verificando aspectos sociais, culturais, históricos e religiosos que foram significativos para o percurso de nossa civilização.

Com os novos paradigmas, segundo Aran (2017), os novos paradigmas têm surgido em forma de questionamento dos antigos, como por exemplo, a fragilidade feminina que em outrora era uma das justificativas para sua maior permanência no espaço privado de suas casas. O movimento atual, segundo a autora é de mulheres multifacetadas, que estudam, trabalham, são esposas, mães e autônomas em suas vidas.

Com este trabalho percebemos que a tendência para a qual caminhamos é de uma sociedade que permanecerá permeada por paradigmas antigos,

porém com novos paradigmas sendo postos como possibilidades de acordo com as mudanças de configurações sociais. A igualdade entre os gêneros permanecerá como pauta, muito provavelmente, por um longo período, mas desejamos que as significações arcaicas, discriminatórias e que não nos interessam mais socialmente desapareçam, deixem de constar no seio da sociedade.

Estamos mesmo, em um contexto histórico que propicia mudanças significativas quanto à relação entre os sexos, tendo como principais fatores: *a crise da família nuclear, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e a política de visibilidade da homossexualidade*, como afirma Fortes (2007).

Quando falamos em direito de igualdade entre gêneros, estamos falando também na divisão justa de responsabilidades familiares. Percebemos uma tendência à flexibilização de papéis até então pré-estabelecidos, para que as relações sejam viabilizadas efetivamente, não apenas quanto aos sentimentos que as cercam, mas também em relação ao equilíbrio destas responsabilidades.

Este estudo trouxe um parâmetro geral da nossa realidade atual e pregressa, fazendo-se necessária uma maior fundamentação teórica em conteúdos específicos, como por exemplo, o movimento feminista, para que possamos ter uma compreensão mais aprofundada das condições femininas.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ione. **Igualdade entre os sexos ajudou homem das cavernas a sobreviver[...].**2015 Disponível em: [www.url: http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/igualdade-entre-os-sexos-ajudou-homem-das-cavernas-a-sobreviver-diz-pesquisa/](http://www.super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/igualdade-entre-os-sexos-ajudou-homem-das-cavernas-a-sobreviver-diz-pesquisa/). Acesso em: 02 dez., 2015.

ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 243-245, aug. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200017>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ARAN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-422, Dec. 2003. Available

from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200004&lng=en&nrm=iso)>.access on 11 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200004>.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v.2.

CARTER, Betty. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Betty Carter e Monica McGoldrick; tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese – 2ª edição - Porto Alegre: Artmed, 1995.

CARVALHO, Ana Maria Almeida, et al. Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? **Paideia**, Ribeirão Preto, v.18, n. 41, p. 431-444, dec. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2008000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 set., 2015.

FORTES, Isabel. O feminino como possibilidade de novas formas de sociabilidade. **Ágora**, Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. 1, p. 131-132, june 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000100009>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco**. apr. 2016. Disponível em: [https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/3417&ei=D\\_zrMZZR&lc=pt-BR&s=1&m=817&host=www.google.com.br&ts=BR&s=1&m=817&host=www.google.com.br&ts=1499707212&sing=ALNZjWk\\_myE6tZG38095FaYM9XLOafzM2g](https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/3417&ei=D_zrMZZR&lc=pt-BR&s=1&m=817&host=www.google.com.br&ts=BR&s=1&m=817&host=www.google.com.br&ts=1499707212&sing=ALNZjWk_myE6tZG38095FaYM9XLOafzM2g). Acesso em: 10 jul. 2017.

GUTMAN, Laura. **Mulheres visíveis, mães invisíveis**. Tradução Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

JORNADAS Ibéricas de Gastronomia Pré-Histórica,1. Vale do Tejo de Mação, Portugal: Museu de Arte Pré-Histórica. Disponível em: <http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br>. Acesso em: ago., 2015.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. **Rev. Antropol.**, São Paulo v.40, n.1, p.149-164,1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011997000100005>. Acesso em: 08 nov., 2015.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickison**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Silvia Helena. Toda criança tem família: criança em situação de rua também. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 42-52, apr. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100005>. Acesso em: 04 dec. 2015.

PIRES, ValériaFabrizi. **Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008.

PARIS, Ginette. **O sacramento do abordo**. Tradução de Maria da Conceição Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2000.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. Iá Mi Oxorongá: as mães ancestrais e o poder feminino na religião africana. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, n. 2, dez., 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/viewFile/88730/91627>. Acesso em: 04 de dez. 2015.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 591-603, Aug. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X201100200019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X201100200019&lng=en&nrm=iso)>.access on 11 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200019>.

UNIVERSITY COLLEGE LONDON (UCL), Londres, Reino Unido. Disponível em: <http://www.ucl.ac.uk/anthropology/studying/phd-human-biology-evolution/portuguese>. Acesso em: ago. 2015.